Entre Totens e Tabus: Estruturalismo e Psicanálise

REGINA WEINFELD REISS

Em entrevista concedida a uma revista francesa, Claude Lévi-Strauss qualifica seu livro mais recente — *La Potière Jalouse,* * como um veículo que pretende tornar mais acessível os princípios e o método largamente desenvolvidos nos quatro volumes de *Mythologiques.* Além disso, e principalmente, este livro reata um diálogo com a psicanálise iniciado quarenta anos antes com *As Estruturas Elementares do Parentesco*, sem perder o interesse e o vigor intelectual que caracterizam o conjunto de sua obra.

Sinteticamente, o autor procura aprofundar neste livro três questões centrais: 1. Esclarecer as analogias de estrutura e conteúdo entre os mitos provenientes de regiões distantes. Analisa de que maneira se apresentam vestígios das mesmas crenças e representações em mitos colhidos da Califórnia do Sul aos Andes. 2. Buscar a lógica dos mitos. Partindo de um mito simples e localizado, o autor analisa interpretações, julgamentos e inferências empíricas. 3. Tratar do pensamento mítico em geral, mostrando a distância que separa nesta questão, como em outras, a análise estrutural da psicanálise. Coloca a questão de saber se, longe de o pensamento mítico representar um modo ultrapassado da atividade intelectual, ele não está sempre se fazendo presente cada vez que o espírito se interroga sobre o que é significação.

O interesse aqui é examinar mais de perto a terceira questão abordada por Lévi-Strauss. No capítulo XIV do livro — *"Totem et Tabu" version Jívaro,* o autor elabora, mais uma vez, seu debate com os princípios psicanalíticos.

---

* LÉVI-STRAUSS, Claude. *La Potière Jalouse.* Paris: Plon, 1985, pp. 314.

Em alguma medida, um autor nunca se dedica a debater idéias que não respeita. Portanto, apesar de Lévi-Strauss se contrapor aos princípios psicanalíticos, estes constituem interlocutores significativos no decorrer de sua obra. Em *Le Totemisme Aujourd'hui*, Lévi-Strauss dirige sua crítica, basicamente, a Durkheim e Freud. A "ilusão totêmica" põe por terra a idéia do totemismo como forma original da religião, lançando as bases do que viria a ser, posteriormente, desenvolvido n'*O Pensamento Selvagem*, em que "os totens não são bons para comer e sim para pensar". No que se refere ao tabu do incesto, *As Estruturas Elementares do Parentesco* desenvolvem, amplamente, a idéia do princípio da reciprocidade, à maneira de um sistema de comunicação que organiza as relações de parentesco em sociedade.

Lévi-Strauss inicia o texto parodiando Freud em *Totem e Tabu*, onde este visava estabelecer as correspondências entre a vida psíquica dos selvagens e a dos neuróticos. O autor, aqui, se dispõe a estabelecer as correspondências entre a vida psíquica dos selvagens e a dos psicanalistas. Mais do que um jogo de palavras, Lévi-Strauss afirma que o pensamento psicanalítico opera miticamente como o dos selvagens. Utilizando-se do mito Jívaro, que guarda semelhanças com o enunciado por Freud em *Totem e Tabu* sobre a origem da vida social, Lévi-Strauss afirma que as noções e categorias, como as do caráter oral e anal utilizadas pela psicanálise, encontram-se contidas nesse relato, com grande anterioridade temporal. Segundo o autor, portanto, nem a psicanálise descobriu essas categorias — apenas as reencontrou, nem os nativos necessitam da psicanálise para pensar como ela.

Conforme Lévi-Strauss, o mérito de Freud assemelha-se ao de Max Müller, pois ambos perceberam um dos códigos dos quais os mitos souberam se servir por um tempo: o psico-orgânico e o astronômico. Na sua opinião, cometeram dois erros: a) quiseram decifrar os mitos por meio de um código único e exclusivo, quando é da natureza do mito empregar vários códigos de cuja superposição saem as regras de tradutibilidade. Segundo o autor, a significação de um mito não se deixa jamais reduzir àquela que podemos tirar de um código particular. A verdade do mito consiste nas relações lógicas desprovidas de conteúdo. Um código não é mais verdadeiro que outro. A mensagem do mito repousa na propriedade que têm todos os códigos de serem mutuamente conversíveis. b) Acreditaram que, entre todos os códigos à disposição dos mitos, um ou outro entre eles

é, obrigatoriamente, empregado. Lévi-Strauss discorda do privilegiamento atribuído a um único código de deciframento dos mitos. Para ele, o código psico-orgânico, ou sexual, é colocado à di posição dos mitos junto com outros, tais como, o zoológico, tecnológico ou cosmológico.

Lévi-Sstrauss afirma que a originalidade da reflexão mítica é a de operar através de diversos códigos, e que Freud pensa de forma mítica, isto é, utilizando-se da linguagem figurada e do sentido invertido. Ao mesmo tempo, afirma que um de seus erros é o de atribuir um único código, o psico-orgânico, como elemento de tradutibilidade do mito. Portanto, deste ponto de vista, o pensamento freudiano não obedece às características do pensamento mítico elencadas por Lévi-Strauss.

Ao que tudo indica, uma das distâncias existentes entre a proposta estruturalista e a psicanalítica encontra um de seus pontos de referência na utilização diferenciada das categorias de explicação e interpretação.

A psicanálise privilegia, sem dúvida alguma, o conceito de interpretação na sua prática terapêutica e na sua reflexão. Por outro lado, Freud, inegavelmente, se move por uma concepção positivista de ciência, frente, principalmente, ao corpo médico-psiquiátrico de seu tempo. Em outra dimensão, a psicanálise aspira a uma explicação geral da psiquê humana, lançando mão do recurso da interpretação dos mitos de nossa sociedade e, no caso de *Totem e Tabu,* de outras sociedades, onde a verdade explicativa reside nos desejos inconscientes.

Para o estruturalismo o pensamento científico, dotado de um alto grau de positividade, reside na possibilidade de apreensão das relações lógicas desprovidas de conteúdo. Aí se encontra a explicação. A interpretação é sempre uma forma de construção mítica que não conduz à verdade.

Lévi-Strauss afirma que, graças a Freud, os mitos por ele interpretados mantêm um lugar em nosso patrimônio espiritual. "As variações produzidas por Freud respeitam as leis do pensamento mítico; obedecem a seus constrangimentos, aplicam as mesmas regras de transformação." (Lévi-Strauss, 1985: 251).

Afirma, também, que Freud tem consciência das afinidades entre o pensamento mítico e o seu. Ora, essa afirmação acentua a percepção do próprio Freud quanto à forma de operação de seu pensa-

mento, amenizando, assim, a força da crítica tecida por Lévi-Strauss, uma vez que o próprio Freud incorpora, criticamente, esta dimensão em seus escritos e não a toma como verdade científica.[1]

Parece-me, portanto, que a diferença entre as duas concepções reside em seus supostos metodológicos. Para um corpo teórico que toma como referência a categoria da interpretação, não se coloca a diferenciação drástica entre sujeito e objeto — o processo de conhecimento do outro é sempre um processo de conhecimento de si mesmo. Para o estruturalismo, esse distanciamento entre sujeito e objeto constitui a própria possibilidade de conhecimento, embora Lévi-Strauss reconheça que talvez a produção mítica se torne inevitável cada vez que o espírito humano se interroga sobre o sentido.

Em segundo lugar, o fato de existir um mito Jívaro por demais semelhante ao mito da horda enunciado por Freud em *Totem e Tabu*, reafirma os elementos invariantes preconizados pela proposta estruturalista de Lévi-Strauss. Reafirma, também, que o pensamento freudiano opera pelos mesmos princípios lógicos do espírito humano, universais, portanto, encontráveis entre os Jívaro ou entre os austríacos de qualquer tempo. O intrigante é que esta regra parece não atingir nosso antropólogo francês no século XX. Somente uma concepção objetivista e ahistórica do conhecimento torna isso possível. A questão que surge é a seguinte: em que momento a operação mental não opera no sentido mítico, tal como formulada por Lévi-Strauss? Onde se situaria a possibilidade de análise estrutural do sentido dos símbolos, sem operar miticamente?

O autor marca a diferença entre a psicanálise e a análise estrutural através da concepção de símbolo de Freud. Para ele, o fundador da psicanálise oscila, ao longo de sua obra, entre uma concepção realista e uma relativista do símbolo. Na concepção realista, cada símbolo possui uma significação única; na relativista, a significação varia em cada caso. Para Lévi-Strauss, o símbolo é um re-

1 "O enigma da expressão 'mito científico' permanece: se é mito, como pode ser ciência, e vice-versa? (...) Freud fala das teorias das pulsões como a 'nossa mitologia', por exemplo, o mito parece ser assim, mais do que uma construção auxiliar, ou mais do que um surto lírico, por parte de alguém que lamenta não estar suficientemente dentro do 'severo espírito científico', como ele escreve nos *Estudos sobre Histeria*. Parece-me, porém, que o mito talvez seja a única forma, não de pensar, mas de tornar representável o momento da origem, em particular da origem do social." (Mezan, 1985: 339).

curso que não atribui significação. O sentido é dado pelas relações entre os códigos ou termos, e não pelos símbolos.

Admitindo que a psicanálise privilegia um código de deciframento da linguagem simbólica em detrimento de outros, (que na opinião de Lévi-Strauss, estão sempre presentes), e, assim, buscando um sentido absoluto do símbolo, em que medida a análise estrutural da linguagem simbólica escapa dessa falácia apontada por Lévi-Strauss? Existiria algum ponto de observação suficientemente neutro, que decifraria a linguagem simbólica sem sucumbir aos constrangimentos do pensamento mítico, ou do espírito humano, onde a universalidade passa a se constituir num paradoxo? Em outras palavras, seria a análise estrutural passivel de ser decodificada em seus próprios termos, uma vez que ela também se constrói através da linguagem?

Em outro momento do texto, Lévi-Strauss aplica os princípios da análise estrutural, demonstrando as correspondências de códigos entre a tragédia de Sófocles e uma comédia de Labiche. Neste exercício, o autor transporta os dois textos a um patamar de equivalências, destituindo-os de qualquer interesse diferenciador que permitisse uma análise de sentido, ou de posicionamento histórico em nossa tradição cultural. Afirma, ainda, que este jogo de deciframento foi amplamente utilizado pela novela policial e desperta o interesse menos pelo conteúdo do que pela forma.

Este jogo analítico tem como suposto, em relação à psicanálise, um conceito de inconsciente que, acredito, seja uma chave importante para se entender as distâncias e aproximações entre as duas propostas teóricas. Em síntese, para Freud, o inconsciente é uma entidade dotada de conteúdo — "representantes da pulsão" — e, para Lévi-Strauss, o inconsciente é uma entidade categorial que engendra a operação lógica do pensamento. Todavia, neste texto, Lévi--Strauss explicita sua concepção de inconsciente, dando margem a uma certa relativização do que foi afirmado acima:

> Acusam-me de reduzir a vida psíquica a um jogo de abstrações, de substituir a alma humana por uma fórmula asséptica. Não nego as pulsões, as emoções, as agitações da afetividade mas não atribuo a estas forças impetuosas uma primazia: elas irrompem numa cena já construída, arquitetada pelos constrangimentos mentais. (1985: 265)

A possibilidade de encontro de vários pontos de interseção entre as duas perspectivas, assim como de pontos de distanciamento, indicam o vivo interesse pela leitura de um texto produzido em 1985

que discute idéias de 1913.[2] Da mesma forma que para Lévi-Strauss o pensamento mítico não é um modo ultrapassado da atividade intelectual, este texto demonstra que, nem o estruturalismo, nem a psicanálise o são.

Parece-me que algumas das questões aqui levantadas encontram respostas nas formulações de Paul Ricoeur (1978) sobre o debate estruturalismo e hermenêutica. Ricoeur afirma que a consciência de validade de um método advém do reconhecimento de seus limites. Talvez o debate trate, precisamente, desta questão. Segundo o autor, estruturalismo e hermenêutica não se movimentam em campos diferenciados de problemática, mas constituem diferentes níveis estratégicos de análise. O primeiro demonstra sua fertilidade na análise da produção do simbolismo, enquanto sistemas articulados de signos, e o segundo volta-se para a apreensão de um outro momento, o nível da manifestação, do dizer simbólico. Segundo ele, o estruturalismo marca um ponto na trajetória de busca de cientificidade e encontra seus limites na medida em que exclui a destinação da linguagem, exclui a história na produção e criação da cultura. Exclui, finalmente, a intenção de dizer algo sobre alguma coisa e desfaz o mistério do sentido tão caro ao trabalho antropológico.

---

2 O texto de Freud provocou críticas, desde sua publicação em 1913. Já em 1916, Franz Boas critica a hipótese do totemismo. Freud baseou-se em informações etnográficas colhidas por antropólogos do período, respeitados em seu campo, além de demonstrar familiaridade com o trabalho de Durkheim — *Les Formes Elémentaires de la Vie Religieuse*, publicado pouco antes de *Totem e Tabu*. Disso se destaca, por um lado, a inserção de Freud dentro de um campo de preocupações com a origem do fenômeno religioso muito própria de sua época e, por outro, uma erudição numa área que não a especificamente de sua competência. Posteriormente, desenvolvem-se duas linhas críticas ao texto por parte dos antropólogos. Por um lado, são criticados os fundamentos empíricos fortemente marcados pelo evolucionismo e etnocentrismo dos autores em que Freud se baseou. E, por outro, é criticada a hipótese da universalidade do complexo de Édipo. Aparentemente, Freud se mantém distante das polêmicas, reafirmando suas posições iniciais Em 1939, o autor escreve em *Moisés e o Monoteísmo*, a propósito de *Totem e Tabu*: "Muitas vezes fui veementemente criticado por não ter, nas edições recentes do livro, modificado as minhas opiniões, pois os etnógrafos modernos rejeitaram unanimemente as teorias de Robertson Smith, substituindo-as por outras, completamente diferentes. (...) Não estou convencido nem da justeza destes pretensos progressos, nem dos erros de Robertson Smith (...). E, sobretudo, não me considero etnógrafo, mas psicanalista, e tinha todo o direito de extrair dos dados etnográficos aquilo que tinha necessidade para meu trabalho psicanalítico." (citado por Mezan, 1985: 321)

BIBLIOGRAFIA

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu.* Edições Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1913.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *La Potière Jalouse.* Paris: Lbrarie Plon, 1985.

MEZAN, Renato. *Freud, Pensador da Cultura.* São Paulo: Ed. Brasiliense; Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 1985.

RICOEUR, Paul. O Conflito das Interpretações. Ensaios de Hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1978.